



## PRIMORDIAL: NARRATIVA VISIONÁRIA DERIVADA DE AYAHUASCA

### *PRIMORDIAL: VISIONARY NARRATIVE DERIVED FROM AYAHUASCA*

Matheus Moura Silva

PPGACV-FAV/UFG, Brasil

saruom@gmail.com

#### **Resumo**

O trabalho aqui apresentado é parte da produção poética desenvolvida no doutorado em Arte e Cultura Visual do PPGACV/FAV-UFG. A pesquisa é calcada nos processos criativos de histórias em quadrinhos a partir de Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC. A investigação se deu na linha de pesquisa de Poéticas Visuais e Processos de Criação, assim, ela se estende também para a prática artística, ou seja, fazer quadrinhos. No meu caso, criei colaborativamente histórias que estão no escopo da Arte Visionária, por se dedicarem a retratar visões obtidas por meio de ENOC. Em 2001 o artista visionário Laurence Caruana instituiu o movimento ao publicar o Primeiro Manifesto da Arte Visionária, definindo ser este todo tipo de trabalho artístico que intenciona retratar visões obtidas por ENOC. Por meio do entendimento do artista, incluo a HQ aqui apresentada como visionária por ela ser a representação, *ipsis litteris*, das visões obtidas por ingestão de ayahuasca – decoção indígena de folhas (*Psychotria viridis*) e cipó (*Banisteriopsis caapi*) com propriedades psicodélica e usada em rituais espirituais – com uso legal e regulamentado no Brasil. A história selecionada para apresentação é intitulada Primordial, sendo vista e escrita por mim e ilustrada por outro artista - também experiente em ENOC, mas que não faz parte do corpo da pesquisa em si, por esta ser autoetnográfica. A busca investigativa se baseia em questões como: existem diferenças entre o ímpeto criativo tradicional em contraposição ao visionário? Como descrever, por meio do roteiro, o indescritível para o desenhista? Previamente tenho as seguintes respostas: existem sim diferenças entre os processos criativos, principalmente a falta de controle sob as visões e todo o penoso processo do ritual em si que acaba por criar novos significados para as visões.

**Palavras-chave:** poética; xamanismo; processos criativos; quadrinhos.

#### **Abstract**

The work presented here is part of the poetry production developed in the doctorate in Art and Visual Culture of the PPGACV / FAV-UFG. The research is based on the creative processes of comics from Non-Ordinary States of Consciousness (ENOC). The investigation took place in the line of research of Visual Poetics and Processes of Creation, thus, it also extends to the artistic practice, that is, to make comics. In my case, I have collaboratively created stories that are within the scope of Visionary Art, for engaging in portraying visions obtained through ENOC. In 2001 the visionary artist Laurence Caruana instituted the movement by publishing the First Manifesto of Visionary Art, defining that this is all type of artistic work that intends to portray visions obtained by ENOC. Through the artist 's understanding, I include the HQ here presented as visionary because it is the representation, *ipsis litteris*, of the views obtained by ingestion of ayahuasca – indigenous decoction of leaves (*Psychotria viridis*) and cipó (*Banisteriopsis caapi*) with psychedelic properties and used in spiritual rituals - with legal and regulated use in Brazil. The story selected for presentation is titled Primordial, being seen and written by me and illustrated by another artist - also experienced in ENOC, but not part of the body of the research itself, because it is autoetnográfica. The investigative pursuit is based on such questions as: are there differences between the traditional creative impetus versus the visionary? How to describe, through the script, the elusive for the draftsman? Previously

I have the following answers: there are rather differences between the creative processes, mainly the lack of control under the visions and all the painful process of the ritual itself that ends up creating new meanings for the visions.

**Keywords:** poetic; shamanism; creative processes; comics.

## Visão

A visão que originou a história *Primordial*, também desenhada por Vinicius Posteraro, em preto e branco, e com o total de quatro páginas, surgiu durante a segunda cerimônia de ayahuasca para a tese. O artista, na realidade, ilustra várias HQs roteirizadas por mim para a pesquisa. Parte da premissa em escolher trabalhar com Posteraro é o fato dele se interessar e conhecer os efeitos dos Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC. Além de fazer parte do entusiasmo particular do artista ilustrar este tipo de temática.

Diferentemente de *AyahuayA*, a visão de *Primordial* ocorreu em cerimônia realizada em Uberlândia, (MG) após a ingestão da segunda dose do chá ayahuasca (pouco menos de 50 ml). Neste dia, até o momento não havia tido visões concretas, apenas *flashes* geométricos, rápidos demais para serem observados detalhes. Cerca de 20 a 30 minutos após a segunda ingestão de ayahuasca, passei a sentir enjoos. Fiquei levemente embriagado, com um nó estomacal que indicava como única saída para aquela situação o vômito. Ao perceber que não tardaria a vomitar, resolvi me afastar da roda. No local, haviam dois círculos. Um era em espaço coberto, com uma fogueira central, onde os participantes se encontravam. Enquanto o outro estava ao lado, mas em local aberto. O segundo círculo era formado por tocos de madeira, como se fossem bancos. Me sentei em um destes tocos a espera da limpeza (vômito), porém ela não vinha. A sensação de embrulho aumentava e ao mesmo tempo não conseguia por para fora aquele desconforto. Imerso em desconforto, fechei os olhos e coloquei a mão sobre o rosto.

Neste momento teve início a visão. Com os olhos fechados eu via. Não a realidade ordinária, mas algo nítido, vivo, sem a minha interferência imaginativa. O fundo negro era como uma noite profunda, enquanto seres esguios, vermelhos, amarelos e azuis, bailavam em minha frente. No começo não entendi muito bem o que eram, mas como se estivesse de olhos abertos, busquei focar a visão e a imagem tomou forma. Eram várias cobras entrelaçadas, como um ninho de serpentes em que todas elas estão amontoadas e enroscadas entre si. Ainda de olhos fechados, abaixei a cabeça como se olhando para barriga e pude me ver. Não a minha forma comum, mas sim um corpo formado por cobras, como se meu próprio corpo fosse um ninho de serpentes. Deslumbrado, olhei para as mãos e eram também formadas por cobras. Ao ver aquilo, deixei a mente fluir naquela sensação de ser vários répteis e tive a impressão de ser realmente um deles, mas de modo genético.

O enjoo continuava, mas não vomitei. Levantei, dei alguns passos e enfim a limpeza ocorreu. Durante e após a limpeza, os *flashes* narrativos que ocorriam nos intervalos entre os olhos



abertos e fechados deram continuidade a narrativa das serpentes. Em pé, curvado para frente, com as mãos apoiadas nos joelhos, de olhos fechados, com o rosto voltado para o chão, vi um túnel em espiral se abrir para o subterrâneo. Quanto mais profundidade adquiria, mais ancestralidade percebi no momento. Era como se eu tivesse sido capaz de sentir a origem da vida, do planeta e a reconhecê-la em mim. Neste momento, ainda de olhos fechados, ergui-me totalmente, e olhei para os céu, passando a sentir-me revigorado e com a sensação de ser um homem lagarto. Um ser híbrido entre humano e réptil. Arrebatado por uma certeza absoluta, – “somos répteis”, pensei no momento – senti fielmente as escamas em minha pele, a boca, a língua, as garras e até mesmo a calda reptiliana. A visão terminou neste ponto e em seguida veio a convicção de que esta também seria uma das narrativas para a poética da tese.

## Processo

Ao contrário do processo de escrita realizado em *AyahuayA*, em *Primordial* não fiz um roteiro tradicional. Entreguei para o desenhista apenas o diagrama das páginas já com o texto narrativo escrito a mão. Por conta da minha ineficiência no desenho, imaginei que os quadros da primeira página poderiam não passar o sentido pretendido por mim para o desenhista e enviei alguns exemplos para referência – ilustrações de Dânia Soldera<sup>1</sup>. Juntamente, seguiu ainda um trecho do longa *Blueberry – Desejo de Vingança*, em especial a parte em que o protagonista está sob efeito de ayahuasca<sup>2</sup>. Após a experiência em ver o meu corpo transformado em um ninho de cobras, lembrei-me das visões do diretor Jan Kounen, retratadas como parte das visões de *Blueberry*. No filme, *Blueberry* passa por situação semelhante a minha e o diretor conseguiu exprimir bem o que, mais tarde, vivenciei.

A opção por não escrever o roteiro foi tomada por achá-lo irrelevante, pois inclui todas as informações necessárias no diagrama. Escreveria o roteiro caso Posteraro solicitasse para melhor compreender a trama. Porém não foi preciso. No diagrama enviado busquei desenhar as imagens maiores e inclui, a mão, as indicações mais precisas.

O intuito inicial do artista, ao estudar como transformar meus rabiscos em uma página de quadrinhos, era seguir o mais próximo o possível a versão original enviada. Como é possível ver na Figura 01. Porém, a partir das referências encaminhadas, Posteraro associou a forma desenhada do emaranhado de cobras com os temas tradicionais da arte viking e celta. Com isso em mente, pesquisou formatos padrões deste estilo de arte como inspiração e encontrou uma que serviu de orientação para estruturar a primeira página da HQ.

<sup>1</sup> Professora, Artista Plástica e também minha esposa.

<sup>2</sup> O vídeo pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=UxtkoE-HV-k> – acesso em junho de 2017.

Baseado no motivo usado como referencial, Posteraro decidiu incluir bordas na página de abertura da história. Estas, na versão final, são compostas por formas naturais, como terra, troncos, folhas e até mesmo dois jacarés, inseridos no topo da página. O artista diz ter escolhido os animais por acaso. Ele queria algo simétrico para compor a borda e inconscientemente fez um dos jacarés, gostou do resultado e resolveu desenhar o segundo (POSTERARO, 2017). Ao meu ver, apesar de não serem inspirados em visões, são répteis e dialogam com a temática geral da HQ. A maior parte da borda é construída com motivos vegetais, como troncos e galhos, alguns deles, ao longo das histórias, servem ainda como os balões onde se encontram os textos. Um recurso utilizado pelo artista para tornar, no decorrer da leitura, os elementos mais homogêneos e imersivos nas páginas.

Para o título, Posteraro chegou ao resultado final da fonte utilizada por acaso. No início ele pensava em uma letra cursiva estilizada – ver Figura 02. Mas durante os estudos foi

distorcendo [as letras] até ficarem lembrando tubos. Já estava pensando em alguma coisa metálica para o título. Daí pensei nos tubos metálicos. Parti do “i” pra fazer as outras porque o i lembra o 1. E todas as letras foram a mesma coisa com cortes. Então percebi que os tubos formavam uma escala musical. Lembrou um órgão, daqueles de igreja. O porque disso tudo não sei direito. Mas até hoje quando eu vejo, me vem na cabeça um acorde tocado num órgão. (POSTERARO, 2017)

Particularmente, também vejo na fonte do título uma alusão à instrumentos musicais, mas ao invés de órgão, percebo mais como uma flauta de Pan, ou algo do gênero. Apesar do desenhista ter optado por usar a fonte tubular para o título, a fonte cursiva desenvolvida foi aproveitada para o texto narrativo da história.

Com relação a narratividade da primeira página, no primeiro quadro Posteraro deu preferência em seguir meus rabiscos ao invés da referência ilustrativa encaminhada. Por outro lado, o amaranhado de cobras enviado como exemplo foi usado de parâmetro para o segundo quadro da página. Ao meu ver, a primeira página desta HQ foi uma das mais tranquilas em se chegar ao resultado final. Em contrapartida, talvez a página dois tenha sido a página mais complicada de desenhar de toda a história. Enviei para o desenhista um esquema um tanto fora do padrão, com os quadros desconfigurados, sem estarem todos ajustados dentro de uma página – ver Figura 03. A consequência: a possibilidade do desenhista não abstrair como eu havia imaginado as cenas e ficar ridículo.

Nos estudos do artista para a formatação da página dois é possível perceber a divisão de quadros que ele estipulou com princípio nas caixas de texto. No roteiro/diagrama, devido os quadros estarem divididos em duas folhas, eles não compunham a estrutura de uma página de quadrinhos. Ou seja, o modo como iriam integrar a diagramação não foi definida. Posteraro estava livre para desenvolver a composição visual da página e a mudança mais nítida está no primeiro quadro. Originalmente defino que este seria apenas um *close* em uma mão formada por cobras. Mas o desenhista foi além. Preferiu criar um *super close* em que a mão formada por cobras



acaba por ser parte da moldura da página. Na versão final, o braço da mão em plano detalhe, por exemplo, surge da borda esquerda como se fosse um galho. Misturado, dentro do plano detalhe, está a figura humanoide feita de cobras em um plano americano mesclado ao contra-plongê. O resultado geral da segunda página foi acima do esperado. Posteraro contribuiu muito para a concepção da página exprimindo a própria versão, ao compreender bem as indicações passadas no diagrama, o clima e a grandiosidade de tudo aquilo proporcionado pela ayahuasca.

A bem da verdade, o resultado geral da HQ está além do planejado. A página três, por exemplo, quando imaginei-a, tinha em mente a diagramação diferenciada, mas não sabia se iria funcionar de fato. No fim, esta é a página que mais gosto de toda a história. Posteraro foi feliz em criar o efeito de movimento com as duas serpentes se entrelaçando, a formar a fita de DNA, que também se assemelha ao símbolo do infinito. No entanto, para o desenhista esta é a página que ele menos gosta. O motivo seria a simetria (POSTERARO, 2017).

O três primeiro quadros da última página, posso dizer, são os três únicos quadros que não ocorreram durante a sessão de ayahuasca. A inclusão deles foi para dar sentido a retomada de consciência. Narrativamente funcionam como uma elipse temporal. Na primeira página, ao surgirem as cobras, há um corte de sequência entre esta e a página 2 – a qual não traz, necessariamente, uma sequência direta de imagens. Dessa forma, incluí no roteiro uma sequência de retorno a si, vinculada as imagens da primeira página, dando à narrativa o sentido cíclico. Na versão final, Posteraro, além das bordas e da floresta, incluiu no céu estrelado algumas cobras formadas por constelações. Na Figura 05 é possível perceber que não rabisquei os quadros três e quatro. Prefiro descrever as imagens. O motivo é simples: não consegui expressar por imagens a ideia geral. Escrever garantia a compreensão.

O texto narrativo de *Primordial* foi mais fácil de escrever do que o de *AyahuayA*, tanto que ele foi escrito à mão, juntamente com o diagrama de páginas. Em *AyahuayA*, precisei de um tempo de descanso entre a experiência, escrita do diagrama e a escrita do roteiro para poder desenvolver a narrativa textual. Um processo criativo normal, em que o inconsciente processa a matéria bruta/problema até criar a solução e trazê-la à tona para o consciência. A matéria bruta, no caso, seria os sentimentos, visões e tudo mais que envolveu a criação da história. A partir da mistura inconsciente dessas informações, incluído minhas conclusões conscientes, surgiu o texto da história. Mas em *Primordial* não.

Nela o texto quase todo estava pronto desde o dia da experiência. Se não o texto em si, a essência geral dele e alguns trechos. Ao desenhar o diagrama, naturalmente surgiu o fluxo textual da história. Em uma percepção crítica do meu texto, após as páginas prontas, tive vontade de modificar alguns pontos. Principalmente certos tipos de rima. Este é um hábito que busco me corrigir sempre que escrevo algo. Tenho facilidade em escrever rimas e fujo delas. Prefiro textos com o mínimo de rimas e apenas quando necessário. Dentre as rimas em *Primordial* a que mais me incomoda são as da parte final do texto. O ápice da narrativa, ao meu ver, perde o impacto com



a rima que deixei passar. Mas como a história estava pronta e o desenhista possuía outro roteiro meu na fila de produção, decidi deixar como está.

## Considerações

No decorrer da pesquisa de doutorado percebi o problema em encontrar estudos que relacionassem especificamente criatividade e ENOC, em especial com ayahuasca. Como visto anteriormente, foram apenas duas pesquisas encontradas. Uma realizadas por Frecska et al (2012) e outra por Kuypers et al (2016). Nelas foram observados vários aspectos individuais e contextuais que devem ser levados em conta para compreender uma experiência de ENOC. O mínimo detalhe, como por exemplo um mau humor, pode e irá influenciar no resultado da experiência com qualquer que seja o psicodélico. O sujeito responderá de acordo com o bem estar do momento. O próprio proveito criativo da experiência só é possível caso haja uma interação positiva entre substância/efeito/sujeito. Durante minha experimentação com ayahuasca, teve ocasião em que não consegui obter visões devido à forte dor de cabeça que se abateu em mim como efeito do chá. Situações como essa, ou mesmo menos extremas de mau estar, irão determinar a maneira como o indivíduo tira proveito da sessão psicodélica.

A ayahuasca, diferentemente de outros psicotrópicos, possui grande probabilidade de causar mal estar quando ingerida. O chá costuma levar a náuseas, vômitos e diarreias. Dores de cabeça são mais raras. Independentemente da potencialidade da ayahuasca em causar tais sensações, o arcabouço de imagens provenientes das sessões com o chá é também virtualmente semelhante. Tanto que o psicólogo cognitivista Benny Shanon (2002) identificou e classificou-as. Em um estudo posterior, intitulado *The Epistemics of Ayahuasca Visions*, Shanon (2010) analisa os possíveis sentidos das imagens obtidas durante os efeitos da ayahuasca e o que elas podem influenciar na pessoa.

É interessante notar que Shanon (2010) indica ser necessário para qualquer pesquisador, que venha a se dedicar ao estudo da ayahuasca e seus efeitos, ter a experiência prática com a bebida. Por meio do contato direto com os efeitos o pesquisador não está subordinado apenas aos relatos de outros, podendo ele mesmo vivenciar o fenômeno em questão. É importante até para se ter algum ponto de partida para a pesquisa. No meu caso, percebo a afirmação de Shanon (2010) como acertada e fundamental. Sem a ingestão do chá, ou contato com os ENOC em geral, dificilmente chegaria às interpretações expostas na tese ao analisar as obras dos outros artistas.

Estritamente para a narrativa de *Primordial*, a ingestão do chá se mostra complementemente necessária. Sem ela as imagens não haveriam surgido do modo como se deu, nem mesmo o texto reflexivo que perpassa a história. Tanto a HQ *Primordial* quanto às outras histórias provenientes da tese foram publicadas no livro *Cartografias do Inconsciente*, em 2018<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Mais informações no link: <http://tokadirato.blogspot.com/2018/05/lancamento-cartografias-do-inconsciente.html>



## Referências

FRECSKA, Ede; MÓRÉ, Csaba; VARGHA, András; LUNA, Luis. Enhancement of Creative Expression and Entoptic Phenomena as After-Effects of Repeated Ayahuasca Ceremonies. **Journal of Psychoactive Drugs**, UK, vol. 44, n. 3, 2012.

KUYPERS, K. P. C. et al. Ayahuasca Enhances Creative Divergent Thinking While Decreasing Conventional Convergent Thinking. **Psychopharmacology** **233**: 3395–3403, 2016.

POSTERARO, Vinicius. **Depoimento particular**. Correspondências por email, 2017. Entrevista concedida a Matheus Moura Silva.

SHANON, Benny. Ayahuasca Visualizations A Structural Typology. **Journal of Consciousness Studies**, 9, No. 2, 2002, pp. 3–30.

\_\_\_\_\_. The epistemics of ayahuasca visions. **Phenom Cogn Sci**, 9, 263–280, 2010.

## Minicurrículo

### Matheus Moura Silva

Mestre e Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV-FA/UFG, com pesquisa sobre processos criativos em histórias em quadrinhos. Editor e roteirista é autor dos livros: *Quadrinhos e Comunicação* (2013), *Poética Semântica do Hipocampo* (2014); *O.R.L.A: Liberdade aos Animais* (2014), *A Maldição de LaFey* (2017), *Cartografias do Inconsciente* (2018) e *Matéria Escura* (2018).